

RESSALVA

Atendendo a solicitação do(a) autor(a), João Paulo Martins, o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 26/08/2027.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Faculdade de Ciências – Campus de Bauru

Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

João Paulo Martins

Autismo e modos de ser-no-mundo na era da técnica: Uma investigação fenomenológico-hermenêutica sobre existência, violência identitária e trabalho na contemporaneidade

Bauru - SP

2026

João Paulo Martins

Autismo e modos de ser-no-mundo na era da técnica: Uma investigação fenomenológico-hermenêutica sobre existência, violência identitária e trabalho na contemporaneidade

Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Hugo Ferrari Cardoso.

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Deborah Moreira Guimarães

Bauru - SP

2026

M386a	Martins, João Paulo Autismo e modos de ser-no-mundo na era da técnica: uma investigação fenomenológico-hermenêutica sobre existência, violência identitária e trabalho na contemporaneidade / João Paulo Martins. -- Bauru, 2026 195 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru Orientador: Hugo Ferrari Cardoso Coorientadora: Deborah Moreira Guimarães 1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Fenomenologia existencial. 3. Trabalho. 4. Psicopatologia. 5. Psicologia. I. Título.
-------	--

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE JOÃO PAULO MARTINS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 25 de fevereiro de 2026, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de JOÃO PAULO MARTINS, intitulada **"Autismo e modos de ser-no-mundo na era da técnica: Uma investigação fenomenológico-hermenêutica sobre existência, violência identitária e trabalho na contemporaneidade"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. HUGO FERRARI CARDOSO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP/ Câmpus de Bauru - FC, Prof. Dr. JOELSON TAVARES RODRIGUES (Participação Virtual) do(a) Departamento de Saúde coletiva, saúde mental e saúde da família / Universidade Federal do Rio de Janeiro (Instituto de Ciências Médicas), Prof. Dr. MARCO ANTONIO DOS SANTOS CASANOVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Filosofia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Prof. Dr. PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
 **HUGO FERRARI CARDOSO**
 Data: 26/02/2026 12:59:00-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. HUGO FERRARI CARDOSO

Aos meus pais, à vó Nair ao Tomás e a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às divindades que não vejo, mas sinto, como o vento ou o sol da manhã. Nunca busquei entender seus desígnios, nem perguntei por que os caminhos se abriram diante de mim. Apenas caminhei, com os olhos atentos ao chão e ao céu, seguindo o que era simples: um passo depois do outro, uma escolha depois da outra. Houve dias em que duvidei, houve dias em que não duvidei. Aceito cada um deles, porque foram meus.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Hugo Ferrari Cardoso, e à minha coorientadora, Prof^a Dr^a Deborah Moreira Guimarães, por toda presença e confiança. Orientaram quando precisei, escutaram quando precisei, falaram o que era preciso ouvir, mesmo quando era difícil. Aprendi que a companhia verdadeira, na vida ou na pesquisa, não exige mais do que honestidade e presença. Nos dias bons, agradei. Nos dias difíceis, agradei também, porque tudo faz parte do caminho e o caminho se faz caminhando.

Aos meus pais, agradeço sem procurar grandes palavras. Fizeram o que puderam, do jeito que sabiam. Não se trata de julgar ou pesar esforços. Recebi deles o chão sobre o qual caminhei e a coragem para seguir andando, mesmo quando o caminho parecia incerto. O que faltou, não faz falta. Passou. O que tive, basta.

Agradeço à minha família, que esteve presente de formas diferentes, com gestos, palavras ou mesmo apenas estando, mesmo de longe. Descobri que a família é como uma árvore: cada um cresce de um jeito, recebendo mais ou menos influência dos elementos da natureza, mas as raízes se tocam sob a terra. Houve apoio, houve silêncio, houve companhia. Tudo isso me sustentou.

Agradeço aos membros titulares e suplentes das minhas bancas de qualificação e de defesa, pois tiveram a paciência necessária e a visão cuidadosa na leitura da minha tese e deram contribuições inestimáveis para o meu trabalho. Também aos professores que não eram membros da banca, mas que deram contribuições à altura. Foram luzes em caminhos obscuros ou mesmo como abraços em meio ao frio.

Agradeço a todas as pessoas que, de algum modo, participaram desta pesquisa. Alguns responderam aos questionários, outros apenas disseram uma palavra ou ofereceram um café,

outros passaram e não ficaram, mas todos deixaram algo, mesmo sem saber. Não há como distinguir a ajuda grande da pequena, nem mesmo os percalços ocorridos. Na vida, tudo se soma e tudo importa.

E, por fim, agradeço ao Tomás. Não encontro palavras difíceis para dizer o que ele foi e é. Aprendi com ele que estar junto não precisa de explicação. Tomás esteve comigo nos dias longos e nos dias breves, nos silêncios e nas perguntas, nas manhãs comuns e nas noites de trabalho. Vi nele o valor da presença simples, do olhar calmo, da presença que chega sem motivo. Com Tomás, aprendi a ver o mundo como quem vê um campo ou um rio: sem querer mudar nada, apenas vendo. Com ele, aprendi que saudade é só o nome de quem fica, mesmo quando está perto. Sua companhia me lembrou, em cada passo, que a vida é feita do que existe, e basta que exista para ser agradecimento.

O Guardador de Rebanhos – Poema V

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem sabe o que não sabem?

“Constituição íntima das cousas”...
“Sentido íntimo do universo”...
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em cousas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.
Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentando, é como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

(Alberto Caeiro)

RESUMO

Esta tese explicita um horizonte fenomenológico-hermenêutico a partir do qual o Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser compreendido não apenas como categoria diagnóstica, mas como modo de ser-no-mundo historicamente situado, com ênfase nas correlações organizacionais e no trabalho. A investigação articula fundamentos filosófico-metodológicos, reconstrução histórico-conceitual e um estudo empírico, organizando-se em cinco artigos e um texto final de considerações integrativas. No capítulo 1, discute-se a constituição da Psicologia enquanto ciência e o desafio hermenêutico implicado na predominância de modelos naturalistas, retomando a crítica de Wilhelm Dilthey à aplicação indiscriminada dos métodos das ciências naturais às ciências humanas e defendendo a centralidade de uma abordagem compreensiva para fazer justiça à historicidade dos fenômenos psíquicos. No capítulo 2, aprofunda-se a passagem para a ontologia fundamental de Heidegger, articulando as estruturas existenciais do ser-no-mundo às condições de possibilidade do diagnóstico em psicopatologia, com destaque para as pré-estruturas de sentido que orientam a constituição do “problema” e do “sintoma”. O capítulo 3 realiza uma reconstrução histórico-conceitual do TEA nas sucessivas edições do DSM, evidenciando reconfigurações criteriológicas e decisões epocais que estabilizam determinadas imagens do autismo e modulam o que conta como normalidade, sofrimento e desvio. O capítulo 4 mobiliza Heidegger (Ser e tempo; Seminários de Zollikon) e Casanova (Existência e Transitoriedade) para pensar o autismo como modo de ser-no-mundo na era da técnica, em tensão com modos contemporâneos de espacialização, temporalização e corporeidade, bem como com dinâmicas de violência identitária. O capítulo 5 apresenta um estudo empírico de abordagem quali-quantitativa com 138 adultos autistas, investigando percepções sobre mercado de trabalho, vivências organizacionais e processos de inclusão e permanência laboral, mostrando como exigências técnicas de desempenho, flexibilidade e sociabilidade se cruzam com vulnerabilidades sensoriais, temporais e relacionais, produzindo barreiras e possibilidades de arranjos mais habitáveis. Sustenta-se, por fim, que a compreensão do autismo e da inclusão laboral requer deslocar a abordagem centrada em déficit e adaptação individual para uma hermenêutica da existência, na qual o foco recai sobre a historicidade das normas, práticas e dispositivos institucionais que configuram a (in)habitabilidade do trabalho. Assim, a contribuição central do estudo consiste em evidenciar que a efetividade da inclusão depende menos de ajustes pontuais e mais da transformação das condições organizacionais que determinam quem pode trabalhar, permanecer e existir com reconhecimento no interior dos mundos técnicos contemporâneos.

Palavras-chave: Fenomenologia-existencial; Psicologia; Transtorno do Espectro Autista; Trabalho; Psicopatologia.

ABSTRACT

This dissertation articulates a phenomenological-hermeneutic horizon from which Autism Spectrum Disorder (ASD) can be understood not merely as a diagnostic category, but as a historically situated way of being-in-the-world, with emphasis on organizational correlations and work. The investigation brings together philosophical-methodological foundations, a historical-conceptual reconstruction, and an empirical study, and is organized into five articles and a concluding text of integrative considerations. In Chapter 1, the constitution of Psychology as a science is discussed, along with the hermeneutic challenge implied by the predominance of naturalistic models. It revisits Wilhelm Dilthey's critique of the indiscriminate application of the methods of the natural sciences to the human sciences and defends the centrality of a comprehensive approach in order to do justice to the historicity of psychic phenomena. In Chapter 2, the transition to Heidegger's fundamental ontology is further developed, articulating the existential structures of being-in-the-world with the conditions of possibility of diagnosis in psychopathology, with particular emphasis on the pre-structures of meaning that guide the constitution of the "problem" and the "symptom." Chapter 3 undertakes a historical-conceptual reconstruction of ASD across successive editions of the DSM, highlighting criteriological reconfigurations and epochal decisions that stabilize certain images of autism and shape what counts as normality, suffering, and deviation. Chapter 4 draws on Heidegger (*Being and Time*; *Zollikon Seminars*) and Casanova (*Existence and Transitoriness*) to think autism as a way of being-in-the-world in the technological age, in tension with contemporary modes of spatialization, temporalization, and embodiment, as well as with dynamics of identity-based violence. Chapter 5 presents an empirical mixed-methods study with 138 autistic adults, investigating perceptions of the labor market, organizational experiences, and processes of workplace inclusion and retention, showing how technical demands for performance, flexibility, and sociability intersect with sensory, temporal, and relational vulnerabilities, thereby producing both barriers and possibilities for more inhabitable arrangements. Finally, it is argued that understanding autism and workplace inclusion requires shifting away from an approach centered on deficit and individual adaptation toward a hermeneutics of existence, in which the focus falls on the historicity of norms, practices, and institutional dispositifs that configure the (un)inhabitability of work. Thus, the central contribution of the study lies in showing that the effectiveness of inclusion depends less on punctual adjustments and more on the transformation of the organizational conditions that determine who can work, remain, and exist with recognition within contemporary technical worlds.

Keywords: Existential-Phenomenology; Psychology; Autism Spectrum Disorder; Work; psychopathology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
--------------------------	-----------

Capítulo 1: O DESAFIO HERMENÊUTICO NA PSICOLOGIA: Para Além dos Métodos das Ciências Naturais

INTRODUÇÃO.....	22
1.0 A psicologia na transição do século XIX para o século XX	23
1.1 As ciências naturais como superação da metafísica: uma afirmação possível?.....	28
1.2 A crítica ao modelo de psicologia baseada nas ciências da natureza.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	40

Capítulo 2: A CONSTITUIÇÃO DO PROBLEMA E O HORIZONTE DO DIAGNÓSTICO: Heidegger, psicopatologia e autismo

INTRODUÇÃO.....	42
1. Da psicologia compreensiva à compreensão como existencial	45
2. Interpretação, estrutura prévia e manuais psicopatológicos.....	49
3. Momentos da pergunta e constituição do autismo como problema.....	53
4. Questão do ser e gênese existencial da ciência nas ciências psicopatológicas.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65

Capítulo 3: TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Ascensão conceitual e critérios diagnósticos do DSM I ao DSM-5-TR

INTRODUÇÃO.....	69
1.0 Transtorno do espectro autista: marcos históricos e manuais diagnósticos.....	72
1.1 Marcos históricos	72
1.2 Do DSM I ao DSM-5-TR.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	89

Capítulo 4: AUTISMO COMO MODO DE SER-NO-MUNDO NA ERA DA TÉCNICA:
espaço, tempo, corporeidade e violência identitária

INTRODUÇÃO.....	93
1. De classificações diagnósticas a modos de ser-no-mundo	93
2. Seminários de Zollikon e Existência e transitoriedade: descrições de espaço, tempo e corpo em um mundo histórico.....	96
2.1. Do projeto científico-natural de natureza à mensurabilidade do espaço.....	98
2.1.1. A hegemonia moderna de espaço e tempo e o seu caráter derivado.....	101
3. Terapia, transitoriedade e violência identitária.....	105
4. Autismo como modo de ser-no-mundo em um mundo técnico.....	107
4.1. Familiaridade, estranheza e o modo autista de estar-no-mundo.....	110
4.2. Autismo, transitoriedade e organização constelacional da existência.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	119

Capítulo 5: TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: aspectos concernentes ao mercado de trabalho, vivências organizacionais e inclusão

INTRODUÇÃO.....	123
Transtorno do espectro autista: marcos históricos e manuais diagnósticos	124
Justificativa.....	128
Objetivo Geral.....	129
Objetivos Específicos.....	129
Metodologia.....	129
Resultados.....	133
Discussão.....	170
Conclusão.....	180
REFERÊNCIAS.....	182
 Considerações Finais.....	 185
 APÊNDICE A.....	 189

APÊNDICE B.....	191
ANEXO 1.....	194

APRESENTAÇÃO

“Então, JP, eu não tenho dúvidas que você está no Espectro Autista”. Foi com essa afirmação, por volta das 17h, dia 27 de agosto de 2020, uma quinta-feira fria e chuvosa, no auge da pandemia do COVID-19, que meu mundo se alterou. Uma única frase capaz de fazer um significado de mundo mudar. Claro que ela não veio a esmo e nem à toa, mesmo assim com a capacidade de uma fissão nuclear.

Posteriormente, haveria supervisão de atendimentos clínicos e eu deveria estar ali presente (uma presença remota, pelas circunstâncias anunciadas acima) para ouvir os casos e dar os devidos direcionamentos. Contudo, não é bem assim que as coisas acontecem. Abri a chamada como de costume, saudei as pessoas ali presentes, pessoas que me acompanhavam ao longo do semestre letivo, e parei. Ouvia vozes, mas sem identificar muito bem o que estavam falando. Sabia que as falas eram sobre os atendimentos dos pacientes, mas o conteúdo estava em “Nárnia”. A única coisa que passava em minha cabeça era: “Então, não há dúvidas que eu estou no Espectro Autista!?”; “Sei que ela é uma profissional e fez uma avaliação muito rígida e formal, mas como ninguém jamais pensou ou falou algo assim para mim?!”; “Como eu, uma pessoa formada em psicologia e já com algumas pós-graduações, nunca imaginei ser autista, por mais que os critérios diagnósticos não me sejam estranhos!?”. Confesso que algumas dessas questões podem se apresentar com um certo traço de arrogância, mas julgo mais ser incredulidade, uma falsidade identitária, eu diria.

O que me ocorria era algo como ter vivido cerca de 30 anos de uma forma estranha. Uma estranheza que se esbarrou em vários quesitos da minha vida, escola, esporte, alimentação, corpo, doenças, trabalho, relacionamentos, crises, autoagressão e amor. Assim, com essas dúvidas em minha cabeça como se fizessem parte de um furacão, sendo trocadas em grau de importância a cada 2 segundos, eu segui com a supervisão de estágio em clínica. Meu desejo era apenas que aquilo acabasse o mais rápido possível e que o amanhã não chegasse. Não por um desejo mórbido ou uma ideação/tentativa de morte voluntária (não que isso não tenha acontecido em alguns momentos anteriores de minha existência), mas sim para colocar as coisas em seus devidos lugares. Precisava de um tempo para pensar sobre o que é o autismo, não mais de forma teórica, mas sim como é ser uma pessoa autista. Esse tempo necessário e almejado não me foi concedido, o trabalho tinha que acontecer e, como costumo brincar, “o boleto chega”.

Aos finais de semana eu tentava ver como as peças desse novo quebra-cabeça se encaixavam. Em quais partes o autismo estava tão evidente para a profissional, que não estavam para todas as demais pessoas.

Resolvi, por indicação dessa profissional, fazer outras avaliações. Queria, na verdade, verificar se a primeira avaliação estava correta (por mais que eu soubesse do nível da qualificação, estudo e empenho dessa profissional – não era pela avaliação, mas pela incredulidade relatada acima). As outras avaliações não apenas confirmaram os achados, como também colocaram outras descrições extremamente precisas sobre o meu modo de “funcionamento” (opto por dizer sobre o meu modo-de-ser e logo menos explicarei o motivo disso).

Quando o seu modo-se-ser está descrito em um papel, que se mostra como um papel de avaliação, a credulidade ou a credibilidade parecem ocorrer de forma mais precisa. Uma forma ainda maior da credibilidade é quando se tem uma sigla em frente ao nome da pessoa que está fazendo a sua avaliação (vejo que isso é assim em outros lugares também). A sigla “Dr.”. Assim, eu fui entendendo quem “eu” era. Fui entendendo os meus limites, que julgo não conseguir respeitar até os dias de hoje, minhas opiniões, meus gostos e preferências. Aqui cabe outra confissão...não sei ao certo se ainda consigo me respeitar, por mais que haja tentativas reais disso. As solicitações do outro e do mundo se abrem de modo avassalador.

Mesmo nessa confusão mental (sem entrar nas discussões cognitivas sobre a natureza da mente e se ela é passível de existência), o mundo não parava para que eu pudesse ter o tempo para pensar. Em um determinado momento, refletindo sobre o quão sempre foi pesado ter o engajamento com pessoas, principalmente no que tange ao aspecto laboral, me surgiram alguns outros questionamentos como: “Será que as outras pessoas autistas também sofrem com isso?”; “Há outras questões laborais que elas não conseguem lidar?”; “Como será que é viver nesse meio, já que o trabalho é parte importante e essencial do mundo atual?”; “Há alguma inclusão para as pessoas autistas? Se houver essa inclusão, ela é real ou no papel?”

Em alguns momentos de reflexão, algumas mudanças práticas se fazem necessárias. Até então ser autista era algo só meu, que, às vezes, eu flertava em falar para algumas pessoas, mas sem muita coragem. Não sabia o que iria acontecer, qual seria a receptividade das pessoas. Mesmo que a abertura para o novo possa ser recheada por medo, insegurança, imprevisibilidade, a estagnação era mortal. Sabia, por vivência própria e empírica que se eu ficasse estagnado eu ficaria confortável (conforto daquilo que já é conhecido), mas nunca

conseguiria ter uma vida mais plena. Nesse caso a balança pesou e eu tive que dar um passo. Primeiramente falar para instâncias laborais superiores sobre o meu diagnóstico e alterar os meus documentos de contratação. Assim foi feito.

Em consulta com o profissional da medicina, para a troca da documentação, ele faz o trâmite que é estabelecido para o enquadramento de colaborador PCD e na hora de especificar qual é a deficiência, ele assinala a categoria de deficiência múltipla, alegando que não é muito bem estabelecido o que é o autismo. O espanto se abre para mim como a única possibilidade. Não um espanto por causa da classificação, longe disso, mas sim por uma lacuna da representação do autismo. Além disso, as minhas avaliações eram unânimes na alegação de dupla excepcionalidade, autismo e superdotação.

Não foi diferente das outras oportunidades, nas quais o contrato de trabalho vinha como deficiência intelectual ou mesmo um não enquadramento como PCD. Mais uma vez, novos questionamentos se fizeram necessários: “Qual seria o motivo de os médicos não saberem muito bem o que é o autismo e em qual categoria ele se enquadra?”; “Por que para uns, como as pessoas que eu fiz avaliação, é tão claro o que é o autismo nos dias de hoje?”; “O autismo tem qual natureza?”.

Uma resposta óbvia seria aquela que colocava que uns estudaram mais a temática do que outros, sendo que, dessa forma, elas saberiam fazer e falar do autismo com maior propriedade. Mas me pareceu que essa resposta estava um tanto incompleta, visto que os profissionais da medicina, para a alteração do meu contrato laboral, também sondavam o que era o autismo, mas de forma um tanto diferente, aparentemente como se fossem correntes ou linhas teóricas diferentes. Esses pensamentos e constatações me deixaram bastante incomodado.

Talvez, o que melhor respondesse a isso fosse ir ao encontro do que se mostrava, ir ao encontro do autismo em seu ponto mais próprio e prioritário. A pergunta a ser feita, pelo menos de primeiro momento, seria: “Como o autismo se mostra nos dias de hoje?”. Por mais que a resposta possa ser advinda de um foco de estudo bastante atual, haja visto que há uma gama de publicações retratando essa temática, ela esconde algo mais substancial e, talvez, quase hermético nos dias de hoje. O que falamos hoje sobre o autismo, ou mesmo o TEA (Transtorno do Espectro Autista ou Transtorno do Espectro do Autismo – que se tornaram quase sinônimos de autismo), tem uma história.

Talvez, se isso for lido de forma ingênua, pode-se pensar que sim, que tudo tem uma história, mas que a história é importante e ficou para trás. Agora tem-se que pensar de forma atual, pois as pesquisas científicas indicam algo para essa ou aquela esfera. A história foi muito importante, mas agora já se tem uma noção maior e melhor do que está acontecendo. Esse pensamento é interessante e paradoxal ao mesmo tempo, pois é exatamente isso que todas as épocas históricas podem ter pensado sobre um determinado campo de mostração.

Mas outra questão chave se mostra aqui e não pode passar despercebida. Quando estamos falando sobre o autismo, estamos diretamente, queiramos nós ou não, no bojo da psiquiatria, por mais que hoje outras áreas também debatam sobre a temática. Essa área, a psiquiatria, não consegue ter a mesma caracterização metodológica das outras áreas da medicina. Uma doença pulmonar bacteriana, por assim dizer, se configura da mesma forma ao passar do tempo e os médicos sabem o que e como fazer para que isso seja sanado, quando há essa possibilidade. Os exames podem mostrar aspectos claros e evidentes para uma atuação médica. Isso não acontece com a psiquiatria. Não há uma patologia que não padeça com o tempo ou mesmo se altere com ele. Além disso, há várias formas interpretativas daquele mesmo acometimento.

Então, voltando a pergunta feita anteriormente, o autismo só pode se mostrar a partir de um campo de mostração, que se vincula e se confunde com tempo histórico e com a psiquiatria, ou até mesmo com o tempo histórico da psiquiatria. Ele tem uma história que não é conhecida, mas que faz com que ele chegue a ser o que é hoje. Em outras palavras, uma tradição encurtada. Dizer isso não significa fechar os olhos para as ocorrências sociais de tal fenômeno, por exemplo, pelo contrário, as questões sociais são diretamente influenciadas pelo próprio campo de mostração das coisas.

A partir desse pensamento que há muito tempo me cerca, fui entender o autismo, fazendo uma leitura estruturada de sua perspectiva histórica. Mas, antes disso, havia um outro pequeno detalhe, entender o método que se poderia fazer essa volta, pois não é pelo fato de se voltar e pegar o tempo histórico como foco de estudo, que as isenções epistemológicas já se darão. Pelo contrário, em cada momento há uma forma epistemológica específica que faz algo se mostrar como algo.

Como método seguro para ocorrência dessa leitura optou-se pela hermenêutica, pois a partir dela pode-se entender o contexto no qual as coisas se estruturam. Além disso, há aqui o estabelecimento de uma diferenciação, crucial, entre os modos explicativos e compreensivos

para o entendimento de um fenômeno. A hermenêutica, então, mostra como os campos dos saberes se constituíram e como surgiram as bases epistemológicas que fundamentam os conhecimentos. A partir disso, fica claro no primeiro artigo da presente tese, como tal método é seguro e importante para o campo de estudo da psicologia, psiquiatria e áreas correlatas. O intuito do artigo é mostrar o que é a hermenêutica, seguindo Wilhelm Dilthey como uma referência primordial, e qual é a crítica estabelecida por ele, retomando que até mesmo as descobertas científicas são pertencentes a um tempo histórico determinado, com as suas formas de articulação de sentido.

Assim, esta tese nasce da confluência entre uma experiência biográfica concreta – ser nomeado como autista na idade adulta – e a inquietação teórica diante das formas como o autismo vem sendo pensado, diagnosticado e administrado no mundo contemporâneo. Ao longo dos artigos, o percurso se desdobra da crítica hermenêutica aos modelos explicativos da psicologia, passa pela reconstrução histórico-conceitual do TEA e pela tematização fenomenológico-existencial do autismo como modo de ser-no-mundo na era da técnica, até chegar à investigação empírica sobre trabalho, organizações e inclusão. Mais do que apenas cumprir os requisitos formais de um programa de pós-graduação para alcançar o título de doutor, o que se busca aqui é abrir espaço para que a existência autista – a minha e a de tantas outras pessoas – possa ser compreendida para além de lógicas de déficit, tornando pensáveis outros modos de habitar, trabalhar e permanecer no mundo.

Do ponto de vista formal, a tese está organizada em cinco artigos e um capítulo final de síntese interpretativa. A lógica de composição não é a de uma acumulação de resultados independentes, mas a de um encadeamento: cada estudo prepara o horizonte do seguinte, deslocando gradualmente o leitor de uma compreensão naturalizada do autismo (como “entidade” e “déficit”) para uma compreensão hermenêutico-existencial (como modo de ser e como figura histórica), e, por fim, para a questão prática da habitabilidade dos mundos de trabalho.

O Capítulo 1 – O DESAFIO HERMENÊUTICO NA PSICOLOGIA: Para Além dos Métodos das Ciências Naturais – funciona como abertura metodológica e filosófica. Nele, há a retomada crítica de Dilthey e as tensões históricas da psicologia na passagem do século XIX ao XX, para explicitar o que se perde quando os fenômenos humanos são tomados prioritariamente sob o ideal explicativo das ciências naturais. A intenção é tornar visível que a psicologia e a psicopatologia não operam em um “ponto zero” de observação, mas sempre a partir de um

horizonte prévio de sentido que organiza o que conta como normal, desviante, patológico e tratável.

O Capítulo 2 – A CONSTITUIÇÃO DO PROBLEMA E O HORIZONTE DO DIAGNÓSTICO: Heidegger, psicopatologia e autismo – aprofunda esse deslocamento ao articular a hermenêutica das ciências humanas com a ontologia fundamental de Heidegger. A questão deixa de ser apenas “quais métodos usar?” e passa a ser “o que já precisa estar compreendido para que algo apareça como problema, sintoma e diagnóstico?”. Com isso, a psicopatologia é tomada como prática interpretativa situada, e o TEA aparece como caso paradigmático para interrogar as pré-estruturas (Vorhabe, Vorsicht, Vorgriff) que sustentam a evidência dos manuais classificatórios e a naturalização de certos ideais de desenvolvimento e sociabilidade.

O Capítulo 3 – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Ascensão conceitual e critérios diagnósticos do DSM I ao DSM-5-TR – reconstrói historicamente a formação do espectro autista no interior das sucessivas edições do DSM. Em vez de tratar essa trajetória como mera evolução linear rumo a maior precisão, o capítulo evidencia como mudanças terminológicas, reconfigurações de critérios e decisões de época estabilizam certas imagens do autismo e reorganizam o campo do que será reconhecido como prejuízo, funcionamento adequado, incapacidade ou necessidade de suporte.

O Capítulo 4 – AUTISMO COMO MODO DE SER-NO-MUNDO NA ERA DA TÉCNICA: espaço, tempo, corporeidade e violência identitária – desloca a discussão para o plano explicitamente fenomenológico-existencial. A partir de Heidegger (Ser e tempo; Seminários de Zollikon) e de Casanova (Existência e Transitoriedade), o texto interroga o horizonte em que o autismo é descrito como déficit frente a uma normalidade supostamente neutra e mostra como, na era da técnica, espacializações, temporalizações e formas de corporeidade são historicamente configuradas por exigências de desempenho, disponibilidade e controle. Nessa chave, o autismo é pensado como modo de ser-no-mundo em tensão com mundos saturados, acelerados e normativamente ajustados, tornando visíveis também processos de violência identitária quando identidades clínicas passam a funcionar como “soluções” sociais para a diferença.

O Capítulo 5 – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: aspectos concernentes ao mercado de trabalho, vivências organizacionais e inclusão – apresenta o estudo empírico (quali-quantitativo), realizado com 138 participantes autistas adultos. O objetivo é descrever, a partir

das próprias narrativas e percepções dos participantes, como se dão inserção, permanência e exclusão no trabalho, quais barreiras se repetem (comunicação, relações, sensorialidade, organização do tempo e do ambiente) e que adaptações aparecem como decisivas para tornar o trabalho minimamente habitável. O estudo busca, assim, colocar à prova – no mundo concreto das organizações – as teses desenvolvidas nos artigos teóricos, mostrando como as exigências técnico-normativas do trabalho atravessam a existência autista e produzem tanto sofrimento quanto estratégias de sustentação. Nesse estudo houve a utilização do modelo de linguagem ChatGPT (OpenAI 5.1 Pro), para a análise dos dados e síntese em categorias. Contudo, as categorias foram analisadas pelos pesquisadores fechando lacunas deixadas pelo modelo de linguagem.

Por fim, na síntese final, há a retomada dos eixos que atravessam todo o percurso: (a) o deslocamento de uma psicopatologia naturalizada para uma hermenêutica da existência; (b) a compreensão do TEA como figura diagnóstica da contemporaneidade e, portanto, como fenômeno de época; (c) a descrição de modos autistas de espacialização, temporalização e corporeidade em contextos técnicos; e (d) a problematização da inclusão laboral em termos de habitabilidade e redesenho de mundos, e não apenas de adaptação individual a estruturas pré-dadas. O objetivo, com isso, não é oferecer uma definição definitiva do autismo, mas explicitar e deslocar o horizonte a partir do qual ele é compreendido e manejado na vida social, abrindo caminho para práticas clínicas, educativas e organizacionais menos centradas na lógica do déficit e mais comprometidas com a criação de mundos efetivamente habitáveis para modos plurais de ser-no-mundo. Nesse texto, como uma síntese geral da tese, entendeu-se a não necessidade de se referenciar, pois ela seria um resumo geral, um ponto central que amarraria todos os contextos. Assim, há algumas generalizações nos modos de escrita que, aparentemente, deveriam estar referenciados, mas elas farão maior sentido quando lidas de modo posterior aos capítulos formais. Alguns exemplos de tais generalizações são: “muitos autistas relatam que...”; “os dados mostram que...”.

Cabe especificar também que os artigos que compõem a tese como um todo, não possuem como foco um recorte a partir de categorias como etnia, classe social, gênero, entre outras. Por mais que se tenha passado por uma ou outra categoria, a especificação do autismo já se dá como uma categoria por si mesma. Por mais que sejam interessantes e necessários os outros recortes, não haveria tempo hábil para o tratamento dos dados.

Além disso, após a conclusão dos escritos houve a necessidade de se fazer a correção gramatical, sendo que ela fora feita com modelo de inteligência artificial, a saber: ChatGPT

(OpenAI.5.2 Pro). Apenas a revisão do texto como um todo fora feito com tal modelo de linguagem mais avançada, pois a sua data de lançamento foi posterior às análises dos dados do capítulo 5. Cabe especificar que o uso da linguagem de Inteligência Artificial, fora uma sugestão dada no exame de qualificação como um procedimento que auxiliaria na análise textual, como também na correção. No entanto, há a possibilidade de que textos possam ter sido gerados pelo modelo de linguagem e inseridos na composição da tese como um todo, por mais que correções posteriores tenham acontecido pelos orientadores e pelo autor.

Outra especificidade é em relação às terminologias. Alguns termos poderão aparecer pela primeira vez no último capítulo sem uma explicação anterior. Além disso, tais terminologias podem ser oriundas de teorias cognitivistas, causando certo estranhamento no leitor atento. Alguma reflexão do tipo: mas se a tese como um todo se sustenta em um posicionamento fenomenológico-hermenêutico, como que tais termos podem aparecer? Resposta com o teor mais simples pode aparecer: essas designações, são as designações do mundo que é o nosso. Então não há do que se estranhar ao ver termos, como “*meltdown*” ou “*shutdown*” referindo-se às crises. De forma rudimentar, pode-se dizer que esses são modos de ser. Em momento oportuno isso será explicado.

Assim, esta tese nasce da confluência entre uma experiência biográfica concreta – ser nomeado como autista na idade adulta – e a inquietação teórica diante das formas como o autismo vem sendo pensado, diagnosticado e administrado no mundo contemporâneo. Ao longo dos artigos, o percurso se desdobra da crítica hermenêutica aos modelos explicativos da psicologia, passa pela reconstrução histórica do TEA e pela tematização fenomenológico-existencial do autismo como modo de ser-no-mundo na era da técnica, até chegar à investigação empírica sobre trabalho, organizações e inclusão. Mais do que apenas cumprir os requisitos formais de um programa de pós-graduação para alcançar o título de doutor, o que se busca aqui é abrir espaço para que a existência autista – a minha e a de tantas outras pessoas – possa ser compreendida para além de lógicas de déficit, tornando pensáveis outros modos de habitar, trabalhar e permanecer no mundo.

11. CONCLUSÃO

Os resultados sustentam uma interpretação multinível do emprego de pessoas autistas em contextos convencionais: (i) no nível micro, barreiras sensoriais (ruído, luz, cheiros), ambiguidade comunicacional e exigências tácitas de sociabilidade funcionam como custos adicionais de participação, com efeitos sobre foco, exaustão e manejo de crises; (ii) no nível meso (organizacional), a distância entre políticas declaradas e a rotina de trabalho produz desacoplamento (políticas existem, mas não se traduzem em artefatos de coordenação, parâmetros ambientais e prazos de resposta), deslocando a responsabilidade para o indivíduo; (iii) no nível macro (normas e direitos), há base legal suficiente para remover barreiras e institucionalizar acomodações, mas a efetividade depende de governança — critérios observáveis, registros, responsáveis e auditoria. O padrão de relatos sobre comentários invalidantes (“não parece autista”), avaliações por ‘postura’ e negações parciais de ajustes sinaliza que o problema é menos de “adequação individual” e mais de projeto de trabalho.

Quatro achados de alta gravidade e alta tratabilidade emergem. Primeiro, há permissão declarada para adaptar, mas sua materialização é frequentemente parcial e condicionada à chefia, revelando dependência de boa vontade e ausência de fluxo institucional — situação documentada nas respostas e nos relatos qualitativos. Segundo, a flexibilização temporal (prazos, ritmos) permanece limitada, com partilha praticamente simétrica entre quem a tem e quem não a tem, indicando heterogeneidade de práticas e oportunidade de padronização. Terceiro, a necessidade de alterações ambientais é amplamente reportada (controle de luz, ruído, odores; espaços de recuperação), corroborando que a dimensão sensorial é eixo estrutural de acessibilidade e não detalhe periférico. Quarto, o teletrabalho aparece como acomodação estruturante: reduz barreiras de deslocamento, devolve controle do estímulo e melhora a previsibilidade da comunicação, estando associado a estabilidade e manutenção de produtividade quando a função o permite — ainda que, em muitos casos, só seja concedido após episódios críticos.

A camuflagem e a não divulgação do diagnóstico devem ser entendidas como estratégias adaptativas a ambientes com baixa segurança psicológica e alta ambiguidade ou mesmo uma falta de habitabilidade. Onde faltam canais e prazos de resposta para pedidos de acomodação, a tendência é privatizar o custo (ocultar, suportar em silêncio, manejar crises fora de vista), com riscos conhecidos à saúde. Os relatos sobre evitar informar a condição por receio de retaliação e sobre gestão solitária de crises ilustram esse circuito adaptativo e reforçam a necessidade de

políticas que tornem a revelação opcional, não pré-condição para usufruir de condições básicas de trabalho.

Em termos de contribuição acadêmica, a tese: (a) quantifica a clivagem entre permissão e implementação de adaptações, oferecendo indicadores operacionais (ambiente, tempo, comunicação) para monitoramento institucional; (b) reconstrói o problema como falha de desenho organizacional — não como “falta de ajuste individual” — ao articular achados empíricos com normas e com a literatura de emprego apoiado; (c) propõe uma gramática prática — padronização do suporte + personalização do necessário — para alinhar políticas, processos e ambiente às exigências de justiça organizacional e de direitos.

Por fim, à luz das limitações delineadas (amostragem, corte transversal, mensuração), as conclusões devem ser lidas como evidências descritivas e hipóteses operacionais passíveis de teste em delineamentos longitudinais e experimentais realistas. Ainda assim, a convergência entre achados empíricos, normas vigentes e plataformas técnicas de intervenção (acessibilidade comunicacional, parametrização sensorial, teletrabalho estruturado e emprego apoiado) fornece base suficiente para ação imediata em gestão de pessoas e políticas de inclusão, com alto potencial de retorno em estabilidade, saúde e qualidade das entregas.

Tomados em conjunto, esses elementos indicam que o problema central não reside apenas na “adaptação” de pessoas autistas a contextos supostamente neutros, mas na forma historicamente específica como o trabalho é organizado na era da técnica. Se as políticas de inclusão permanecerem restritas a ajustes pontuais em trajetórias individuais — sem interrogar espaços, tempos, rotinas e modos de gestão — a permanência de trabalhadores autistas seguirá condicionada por um horizonte de estranhamento e violência identitária. À luz das análises fenomenológico-existenciais desenvolvidas nos capítulos teóricos desta tese, os resultados sugerem que a tarefa da psicologia e das organizações não é somente reduzir déficits, mas abrir mundos de trabalho efetivamente habitáveis para modos plurais de ser-no-mundo, entre eles o modo de ser autista.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANDRÉ, T. G. *et al.* **Prevalencia del trastorno del espectro autista: una revisión de la literatura**. *Jóvenes en la Ciencia – Revista de Divulgación de la Ciencia*, v. 7, 2020.
- BARBI, K. B. S. *et al.* Desafios da interação social de pessoas com autismo no mercado de trabalho. **Cienc. Psicol.**, Montevidéu, v. 18, n. 1, e3283, 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAUER, M. W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: Portal Planalto. **Acesso em: 21 ago. 2025**.
- CASANOVA, M. A. **Existência e transitoriedade: gênese, compreensão e terapia dos transtornos existenciais**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.
- CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S. de; GHELLI, K. G. M. **Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa**. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, p. 98–111, 2021.
- CORRÊA, P. H. **O autismo visto como complexa e heterogênea condição**. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, v. 27, n. 2, p. 375–380, 2017.
- DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra sintonia: a história do autismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ESTEVES, H. A. *et al.* **Diagnóstico e intervenção precoce no autismo: relatos de práticas profissionais**. *Diaphora – Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, v. 10, n. 1, 2021.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, A. P. *et al.* **Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura**. *Tempo psicanal.*, v. 49, n. 2, p. 152–181, 2017.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. A questão da técnica. Tradução de Marco Aurélio Werle. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375–398, 2007.
- _____. **A origem da obra de arte**. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1991.
- _____. **Introdução à filosofia**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes, 2009a.

_____. **Introdução à metafísica**. Tradução de Ernildo Stein. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1999.

JOSEPH, L.; SOORYA, L.; THURM, A. **Transtorno do espectro autista**. São Paulo: Hogrefe CETTEP, 2016.

PEREIRA, K. **O behaviorismo como pensamento calculador: uma crítica norteadada pela filosofia de Martin Heidegger**. 2024. 110 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Toledo, 2024.

LACERDA, L. **Transtorno do espectro autista: uma brevíssima introdução**. Curitiba: CRV, 2018.

LARA, J. G. de. **El autismo: historia y clasificaciones**. *Salud Mental*, v. 35, n. 3, 2012.

LINDSAY, S. *et al.* **Disclosure and workplace accommodations for people with autism: a systematic review**. *Disability & Rehabilitation*, 2021.

LORD, C. *et al.* **Autism spectrum disorder**. *The Lancet*, ago. 2018.

MARFINATI, A. C.; ABRÃO, J. L. F. **Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo**. *Estilos Clínicos*, v. 19, n. 2, 2014.

MAROTTA, R. *et al.* **The neurochemistry of autism**. *Brain Sciences*, v. 10, n. 163, 2020.

McKNIGHT-LIZOTTE, M. **Work-Related Communication Barriers for Individuals with Autism: A Pilot Qualitative Study**. *Australian Journal of Rehabilitation Counselling*, v. 24, n. 1, 2018.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. **Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios**. *RAC – Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 4, p. 731–747, 2011.

NORTE, D. M. **Prevalência mundial do transtorno do espectro do autismo: revisão sistemática e metanálise**. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SHEFFER, E. **Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TALARICO, M. V. T. da S.; PEREIRA, A. C. dos S.; GOYOS, A. C. de N. **A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica**. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 1–19, 2019.

VIANNA, M. da G. **Nomear e classificar tratam o sujeito? Diferentes modos de abordar o autismo no Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais – DSM**. In: *Psicanálise e Psicopatologia: Olhares Contemporâneos*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 35–46.

WALTER, A. *et al.* **Workplace adjustments for autistic employees: what is ‘reasonable’?** *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 51, 2021.

WEHMAN, P. *et al.* **Competitive employment for youth with autism spectrum disorders: randomized clinical trial (Project SEARCH + ASD Supports).** *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **ICD-11 for mortality and morbidity statistics.** Geneva: WHO, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>.

Considerações Finais

Escrever esta tese significou, ao mesmo tempo, sustentar uma investigação acadêmica e atravessar um processo de recondução existencial. A nomeação do autismo na vida adulta — que, num primeiro momento, produziu espanto, desorganização e uma espécie de incredulidade identitária — não se apresentou como um dado simplesmente “informativo”, mas como uma alteração do meu modo de compreender a mim mesmo e ao mundo. Se uma frase pode modificar um horizonte de sentido, então aquilo que parecia apenas uma notícia clínica revelou-se, desde o início, uma questão mais funda: a de como um modo de ser-no-mundo torna-se visível, interpretável, reconhecível (ou não) numa época específica, sob certas gramáticas diagnósticas, institucionais e morais.

Ao longo do percurso, tornou-se cada vez mais claro que o autismo não aparece apenas como um “objeto” a ser descrito por critérios, mas como um fenômeno cujo modo de aparecer depende do mundo em que se está. Nesse sentido, o trabalho, as organizações, as políticas e os dispositivos de avaliação não foram aqui tratados como “contextos externos”, mas como dimensões constitutivas da própria existência: são eles que organizam ritmos, exigências, expectativas de sociabilidade, formas de comunicação, tolerâncias e intolerâncias sensoriais, além de distribuírem reconhecimento e exclusão. Em outras palavras, o que se chamou de “inclusão” mostrou-se inseparável da pergunta pela habitabilidade dos mundos contemporâneos — pergunta que não é somente sociológica ou administrativa, mas ontológica, na medida em que envolve condições concretas de poder habitar, permanecer e existir com sentido.

Esse é o ponto em que esta tese pretendeu produzir um deslocamento: em vez de reforçar uma leitura centrada em déficit e adaptação individual, ela procura explicitar o horizonte fenomenológico-hermenêutico em que autismo, sofrimento e “funcionamento” se tornam inteligíveis. A crítica ao naturalismo metodológico e à pretensão de neutralidade não tem aqui a finalidade de negar evidências empíricas ou dimensões biológicas, mas de recolocar a Psicologia e a psicopatologia diante de uma responsabilidade hermenêutica: toda descrição carrega pressupostos sobre o que conta como normal, competente, saudável, produtivo, comunicável e desejável. Assumir isso não “relativiza” a clínica; ao contrário, fortalece-a, porque impede que o diagnóstico funcione como etiqueta que encerra a existência, e o reposiciona como possibilidade de compreensão mais cuidadosa e situada.

A reconstrução histórico-conceitual do TEA, por sua vez, buscou mostrar que o diagnóstico não é um espelho neutro da realidade, mas um arranjo histórico de critérios e

sensibilidades, atravessado por decisões e reconfigurações que modulam aquilo que passa a ser visto como transtorno, desvio ou variação. Ao recuperar esse movimento, o objetivo não foi apenas historiográfico: tratou-se de tornar visível o quanto nossas certezas diagnósticas, muitas vezes, se apoiam em estabilizações recentes — e o quanto essas estabilizações podem apagar a relação de mundo implicada na experiência autista, reduzindo-a a traços comportamentais descontextualizados.

Nesse mesmo sentido, ao pensar o autismo como fenômeno de época, a tese procurou inscrever a questão no interior daquilo que Heidegger denomina “era da técnica”: um horizonte em que disponibilidade, desempenho, mensuração e previsibilidade tendem a operar como critérios de valor. É nesse cenário que certas formas de espacialização, temporalização e corporeidade — frequentemente relatadas por pessoas autistas — entram em fricção com exigências de multitarefa, mudanças abruptas, hiperestimulação sensorial e padrões normativos de interação. A violência identitária, aqui, não foi entendida apenas como agressão explícita (embora ela exista), mas também como coerção silenciosa à conformidade: a expectativa de “passar por” não autista, de camuflar, de ajustar-se continuamente a um mundo que pouco se ajusta de volta.

O estudo empírico com adultos autistas explicitou, de maneira concreta, essa tensão. Os relatos e padrões observados indicam que as barreiras mais decisivas não se esgotam em “dificuldades individuais”, mas emergem do modo como as organizações estruturam comunicação, sensorialidade ambiental, previsibilidade, suporte em crises, flexibilidade de prazos, práticas de gestão e culturas tácitas de pertencimento. A recorrência de experiências de sobrecarga, crises, burnout e demandas por modificação comportamental evidencia que, muitas vezes, a inclusão se mantém no plano do discurso enquanto, na prática, permanece condicionada à capacidade de o sujeito suportar o insuportável — ou de ocultar o que é. Assim, o trabalho aparece como um lugar de prova: não apenas da competência técnica do indivíduo, mas do grau de abertura (ou fechamento) do mundo organizacional para modos plurais de existir.

Diante desse conjunto, a contribuição central que esta tese pretende afirmar é a seguinte: a inclusão laboral de pessoas autistas não pode ser compreendida como simples inserção em estruturas pré-dadas, nem como soma de adaptações pontuais e episódicas. Ela demanda redesenho de mundo — isto é, transformação efetiva de condições organizacionais que definem quem pode permanecer, com que custo, e sob quais formas de reconhecimento. Isso implica políticas anticapacitistas, comunicação mais objetiva e previsível, manejo sensorial do ambiente, flexibilidade negociada, formação de lideranças, dispositivos de suporte em crises,

e, sobretudo, uma mudança de gramática: do “ajustar o indivíduo ao mundo” para “tornar o mundo habitável para existências diversas”. Trata-se, portanto, de recolocar a discussão no terreno ético-político sem perder o rigor fenomenológico: o sofrimento não é apenas “dentro” do sujeito, mas pode ser produzido e intensificado por configurações de mundo.

Se, na Apresentação, eu relatei a experiência de ser nomeado e, ao mesmo tempo, não ter recebido “tempo” para reorganizar o próprio mundo — porque o trabalho seguia, as exigências seguiam, a vida seguia —, estas Considerações Finais assumem um gesto complementar: reconhecer que a pesquisa foi, ela mesma, uma forma de produzir tempo. Tempo para compreender, descrever, recolocar perguntas, sustentar a inquietação sem reduzi-la à ansiedade. Tempo para transformar incredulidade em caminho. E, sobretudo, tempo para afirmar que o autismo, quando compreendido como modo de ser-no-mundo, devolve à Psicologia e às instituições uma tarefa: a de não capturar existências em rótulos, mas de ampliar condições de reconhecimento e habitabilidade.

Sustento, ao final deste percurso, uma posição simultaneamente existencial e teórica (de forma mais tardia): não se trata de buscar uma definição definitiva do autismo, mas de explicitar e deslocar os horizontes a partir dos quais ele é compreendido e administrado na vida social. Se esta tese contribuir para tornar menos solitária a experiência de ser nomeado — e, ao mesmo tempo, mais rigorosa a responsabilidade de quem nomeia, avalia, gere e inclui —, então ela terá cumprido uma parte essencial do que, para mim, esteve em jogo desde o início: abrir espaço para que modos plurais de ser-no-mundo não precisem existir à custa de si mesmos.

Nesse mesmo horizonte, há um registro que, embora pessoal, não é alheio ao gesto filosófico desta tese: há muito tempo, o poema *Versos íntimos*, de Augusto dos Anjos, ocupa um lugar central em minha vida. Por razões que hoje me parecem mais nomeáveis do que antes, ele acompanhou experiências marcadas por um misto de deslocamento e incongruência do e no mundo — como se a relação com as pessoas, com as expectativas sociais e com as promessas de acolhimento estivesse sempre atravessada por uma fricção silenciosa. Em diferentes momentos, esses versos funcionaram como uma espécie de “diagnóstico poético” da existência não no sentido técnico, mas como expressão concentrada de um modo de ver, sofrer e resistir.

Retomar esse poema aqui, no desfecho, não pretende reduzir a complexidade do percurso a uma moral amarga, nem transformar a tese em confissão. Ao contrário: trata-se de reconhecer que toda investigação que toca o existir também toca a linguagem com que se tenta dar forma ao indizível — e que, muitas vezes, a literatura antecipa, em sua crueza e

primariedade, aquilo que a teoria elabora de forma secundária. Se esta tese insistiu que o autismo não pode ser compreendido fora dos mundos que o configuram — suas normas, seus ritmos, suas violências e seus critérios de reconhecimento —, então também é pertinente admitir que certos textos acompanharam, desde antes, a tentativa de lidar com a experiência de estar “fora de lugar”, de não coincidir facilmente com o que se espera, e de pagar custos altos para permanecer.

Por isso, encerro este trabalho com um gesto simbólico: ao lado do rigor conceitual e do esforço empírico, permanece a memória de um poema que, por muito tempo, foi uma forma de dizer o que faltava ao mundo dizer. E, se hoje posso recolocá-lo aqui com outra distância — menos como sentença e mais como marca de caminho —, é porque este percurso também foi, a seu modo, uma busca por habitabilidade, por reconhecimento e por condições mais “humanas” de existência.

VERSOS ÍNTIMOS (Augusto dos Anjos)

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão — esta pantera —
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você para participar do projeto de pesquisa Transtorno do Espectro Autista: aspectos concernentes ao mercado de trabalho, vivências organizacionais e inclusão, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. Ms. João Paulo Martins, discente de doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista (Unesp), orientado pelo Prof. Dr. Hugo Ferrari Cardoso. O projeto tem como objetivo investigar quais são as vivências de pessoas com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, como também as perspectivas organizacionais para o mesmo público.

A sua participação se dará por meio de um questionário individual e online com todo o sigilo garantido, sendo que o tempo médio para respondê-lo será de 20 minutos. Podem haver riscos durante a pesquisa, como constrangimento, cansaço, dores ocasionadas por má postura e caso isso aconteça basta fechar a página do questionário. Além disso, os benefícios para os participantes envolvem ter maior clareza de como funciona a contratação de pessoas com TEA pelas empresas e pleitear as vagas de forma mais significativa. Uma vez que o modo de contratação se faz claro para as pessoas com TEA, há a elaboração de critérios, por parte deles, para elaborarem a melhor maneira de ingresso. Os benefícios para a pesquisa se concentram nas questões das evidências de como se dá o funcionamento da inserção do mercado de trabalho para pessoas com TEA e explorar essa temática socialmente, visto que pode ajudar muitas pessoas em situação de desemprego.

Você pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo e também não há compensação financeira relacionada a sua participação, que será voluntária.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, como tratamento psicológico, caso for um dano psicológico, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Caso sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, você pode procurar o pesquisador responsável para que possamos ajudá-lo.

Os resultados da pesquisa serão divulgados por meio da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho – UNESP Campus Bauru, via tese de doutorado, sendo que também podem ser publicados em artigos/trabalhos de pesquisa. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se houver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: João Paulo Martins no telefone (14) 98131-2729 disponível inclusive para ligação a cobrar, e pelo e-mail: joao.martins.psi@gmail.com.

As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidas pelo telefone (14) 2109-6213 ou do e-mail cepfib@fibbauru.

APÊNDICE B

Questionário para colaboradores com TEA

1 – Dados pessoais

Idade:

Sexo:

Gênero:

Estado Civil:

Cargo:

Escolaridade:

2 - Questionário

1 – Há quanto tempo você foi diagnosticado com TEA? Possui alguma comorbidade?

2 – Antes do diagnóstico você já trabalhava? Se sim, qual era a sua função?

3 – Você já sofreu algum tipo de discriminação, no ambiente laboral, por ter o diagnóstico de TEA? Se sim, qual?

4 – Já teve alguma dificuldade no trabalho em relação ao ambiente (espaço de trabalho), às relações interpessoais ou alguma outra dificuldade? Se sim, quais? Como foi?

5 – Alguém, em seu ambiente de trabalho, já solicitou para que você modificasse seu comportamento? Se sim, qual comportamento? O que foi solicitado? Como foi para você?

6 – Por conta do TEA, você já sentiu necessidade de fazer alguma alteração em seu ambiente de trabalho? Se sim, qual ou quais? Explique o motivo pelo qual houve essa necessidade.

7 – Você considera que a sua organização permite adaptações em seu ambiente de trabalho, nas suas vestimentas, disposição de móveis, entre outros, que auxiliem no rendimento de seu trabalho?

8 – Você já se sentiu desconfortável pela forma que as orientações laborais são passadas? Explique.

9 – Você já teve alguma crise em seu ambiente de trabalho? Se sim, qual tipo de crise? O que foi feito para solucionar?

10 – Com relação ao tempo de execução de um trabalho, há alguma flexibilidade com relação aos prazos e entregas de serviços?

3 – Espaço aberto para relatos

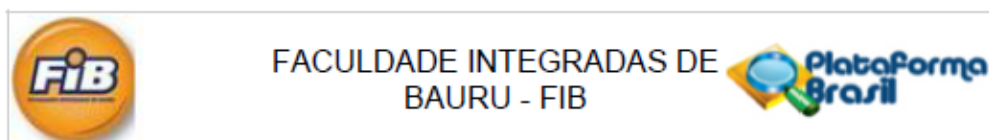
Esse espaço é livre para você explanar sobre as dificuldades laborais, adaptações ou algo que julgue importante e que não fora expresso nas questões acima.

Link para o Google Forms

<https://docs.google.com/forms/d/1WjiEOoNep8s6FPmkVidc1ccT7cxO5KfYY9QY2FCYnCQ/edit>

ANEXOS

ANEXO 1 – Aprovação do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: aspectos concernentes ao mercado de trabalho, vivências organizacionais e inclusão

Pesquisador: JOAO PAULO MARTINS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 67890823.8.0000.5423

Instituição Proponente: Faculdades Integradas de Bauru/ FIB - SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.046.032

Apresentação do Projeto:

Transcrição editada do conteúdo do registro do protocolo e dos arquivos anexados à Plataforma Brasil. A Equipe de Pesquisa citada na capa do projeto de pesquisa inclui:

Hugo Ferrari Cardoso (orientador e docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista - Unesp) e João Paulo Martins (pesquisador responsável e discente do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista - Unesp) o que é confirmado na declaração dos pesquisadores e na PB.

Atualmente, tem-se falado muito sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na infância, sendo que várias propostas de intervenções precoces têm sido conduzidas, mostrando um grande avanço nesta área do conhecimento. Contudo, ainda é pouco discutido e investigado sobre o TEA na idade adulta. Mesmo psicólogos que trabalham com essa temática e instrumentos de rastreio para a evidênciação do diagnóstico ainda são escassos nos dias de hoje. Além disso, por mais que se tenha leis amparando as pessoas com TEA e garantindo o acesso ao mercado de trabalho, pode-se constatar que há uma impermanência dessas pessoas em tal âmbito.

Delineamento da pesquisa – serão realizadas entrevistas semiestruturadas com 100 (cem) participantes, divididos em dois grupos de 50 (cinquenta) pessoas, sendo que um grupo será

Endereço: Rua José Santiago, 16-50
 Bairro: Vila São João do Ipiranga CEP: 17.056-120
 UF: SP Município: BAURU
 Telefone: (14)2109-6213 Fax: (14)2109-6213 E-mail: cepfib@fibbauru.br